

CYRO DOS ANJOS E O HOMEM IMAGINATIVO CYRO DOS ANJOS AND THE IMAGINATIVE MAN

Celia Tamura*

RESUMO: Este trabalho visa interpretar os protagonistas dos romances de Cyro dos Anjos como homens imaginativos, mostrando a imaginação como requisito fundamental para a atividade criadora. Abdias e Belmiro encarnam o escritor e a sua imaginação criativa, pois agregam duas faces do ser humano, a do real e a do sonho.

PALAVRAS-CHAVE: Cyro dos Anjos, literatura brasileira, *a criação literária, abdias, o amanuense belmiro.*

ABSTRACT: This paper intends to study the novels of brazilian writer Cyro dos Anjos and his protagonists, which include both real's and dream's sides of human being. These characters represent the imaginative man, the creative writer.

KEY WORDS: Cyro dos Anjos, brazilian literature, *a criação literária, abdias, o amanuense belmiro.*

“Para os seres de nossa espécie, ler ou escrever é mais importante que viver. Substituímos monstruosamente a vida pela ficção. Quanto a mim, já não leio romances, mas que são a história, a filosofia, senão outras tantas ficções, e talvez mais ousadas, porque se presumem de alicerçadas no real?”

(ANJOS, 2008, p. 37)

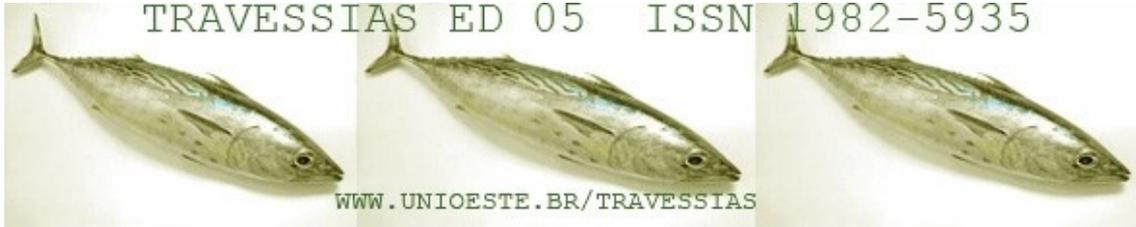
O homem imaginativo na literatura de Cyro dos Anjos

O homem de imaginação, que caracteriza os protagonistas de Cyro dos Anjos, tem o seu germe em D. Quixote, e corresponde ao “homem religioso”, na classificação de Mircea Eliade.

Ao resgatar o valor da imaginação, Cyro faz como Cervantes, que procura ressuscitar a Idade Média, combatendo os ideais racionais do Renascimento. Dessa forma, a figura de Dom Quixote está presente em toda a obra romanesca do escritor mineiro, representando o primado da ilusão, que corresponde ao domínio do ser espiritual.

Perturbou-me bastante o encontro. Sou um incorrigível produtor de fantasias, a retalho e por atacado, e fiquei a imaginar doces coisas. Esqueci-me desta triste figura e sonhei um lindo idílio. Quando cheguei a pé, ao Bar do Ponto,

Doutoranda do Curso de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP. E-mail: celiatamura111@yahoo.com.br. O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq - Brasil.



estava, nada mais, nada menos, transmutado em distinto cavalheiro que seria o protetor da donzela, sucedendo, na casa, ao falecido pai. (ANJOS, 2002, p. 45)

Nos romances *O amanuense Belmiro* (1937) e *Abdias* (1945), Cyro retrata seus protagonistas como sendo essencialmente quixotescos, já que imersos em seus próprios universos imaginários, escrevendo seus diários e buscando heroínas idealizadas.

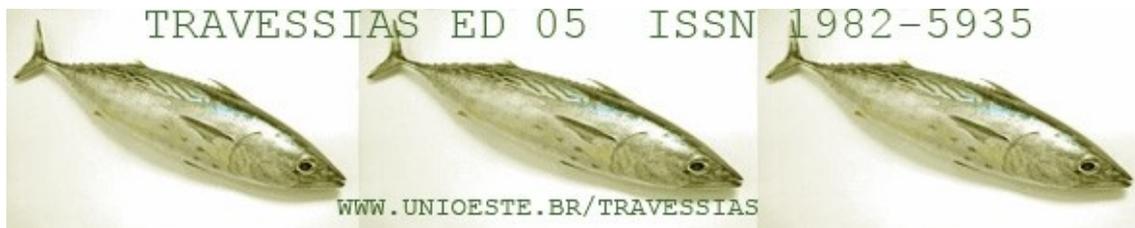
Belmiro também reconhece a incapacidade de conhecimento de todas as motivações humanas, já que o espírito está em constante movimento de transformação.

Afinal, são inúteis essas tentativas de análise e de interpretação de nós mesmos. Há, em nós, abismos insondáveis, que jamais exploraremos, onde se recolhem, pelo tempo que lhes apraz, as combinações múltiplas, várias, que compõem as formas sucessivas do nosso espírito. (ANJOS, 2002, p. 197)

No ensaio *A criação literária*, Cyro argumenta que o imaginário, segundo explicação de Alain, não está na imagem, mas na emoção, ou seja, na enérgica e confusa reação de todo o corpo, repentinamente alarmado. A imaginação é cega e busca objetos, porque é incapaz de os inventar. Inventamos, não pelo pensamento, meditando ou contemplando, mas pela agitação do corpo humano. O pensamento não inventa; o corpo e a ação é que inventam. (ANJOS, 1956, p. 27) Em *O amanuense Belmiro*, o narrador cita Montaigne, resumindo a ideia central do livro: “A alma descarrega suas paixões sobre objetos falsos, quando lhe faltam os verdadeiros.” (ANJOS, 2002, p. 31). Em outra passagem, Belmiro torna a se referir à ideia postulada por Montaigne: “Podem rir-se de mim, mas os namorados me compreenderão: amei como se tratasse de um ser real, aquilo que não passava de uma criação do espírito. A vida não se conforma com o vazio, e a imagem da moça encheu-me os dias.” Belmiro delicia-se com sua imaginação, que é, para ele, o único modo possível de conciliação com o mundo.

Há muito que ando em estado de entrega. Entregar-se a gente às puras e melhores emoções, renunciar aos rumos da inteligência e viver simplesmente pela sensibilidade – descendo de novo, cautelosamente, à margem do caminho, o véu que cobre a face real das coisas e que foi, aqui e ali, descerrado por mão imprudente – parece-me a única estrada possível. Onde houver claridade, converta-se em fraca luz de crepúsculo, para que as coisas se tornem indefinidas e possamos gerar nossos fantasmas. Seria uma fórmula para nos conciliarmos com o mundo. (ANJOS, 2002, p. 39)

Cyro enfatiza a especificidade da atividade criadora, e esclarece que ela só pode ser compreendida pelos verdadeiros artistas, ou seja, por aqueles que igualmente são capazes de



produzir arte. Para o cientista e o filósofo, que exercem atividade oposta à do artista, haveria a dificuldade dessa compreensão, pelo fato de que o verdadeiro artista exprime, em sua obra, uma concepção inteiramente pessoal da realidade e de suas manifestações sensíveis. (ANJOS, 1956, p. 15)

O homem é um ser a imaginar, conforme comenta Gaston Bachelard, pois, afinal, a função do irreal se dá tanto diante do homem como diante do cosmos. “Que é que conheceríamos do outro se não o imaginássemos?” (BACHELARD, 2006, p. 78) Imagens e conceitos formam-se nesses dois pólos opostos da atividade física que são a imaginação e a razão.

Já Abdias pertence a uma categoria peculiar de homem imaginativo, na qual se enquadra também Silviano, personagem de *O amanuense Belmiro*. Silviano é mentiroso compulsivo, mistificador, e possui artimanhas para enganar as pessoas. Inventa inúmeras versões do mesmo fato, e acredita ter vivido cada uma delas. A dissimulação faz parte, também, do caráter de Abdias, não só como um meio de fuga do cotidiano familiar, que por vezes o faz sentir-se sufocado, mas também, sobretudo, como mecanismo de fantasia, já próprio do homem que vive mais do imaginário do que de sua atualidade palpável. Ele só se sente confortável no reino da ilusão, distante do que é tangível. Com isso, mente até para si mesmo, em suas reflexões, e em sua escrita no diário, tendo de voltar atrás, em suas afirmações. Nega-se a aceitar os fatos conforme vistos pelas outras pessoas, como Carlota, que “tem os pés fincados na realidade”. (ANJOS, 2008, p. 23) Inteligente, amado pela esposa, Abdias apresenta uma forte contradição interna. Deseja a estabilidade do casamento, mas, ao mesmo tempo, acredita que o seu romance ilusório trará maiores compensações espirituais. As duas mulheres – a esposa Carlota e a aluna Gabriela – representam os dois lados opostos, o do corpo e do espírito, da satisfação terrena e do amor etéreo, idealizado.

Carlota era para mim a segurança e o equilíbrio. Gabriela representa a fuga e a ilusão. Procuramos, a um tempo, o real e o irreal, a verdade e a fantasia. Queremos, às vezes, uma coisa, e, simultaneamente, o seu contrário. O erro é supor que um sentimento exclui outro, e que o interesse de nossa vida possa concentrar-se numa só direção. (ANJOS, 2008, p. 200)

Vivendo o amor na esfera do sonho, Abdias, embora em vão, tenta exteriorizar, na forma de ações, o seu sentimento. Seus gestos mostram-se incapazes de estabelecer um contato amoroso. Estabelece-se uma barreira entre a vontade e a sua execução física. O que é desejado por Abdias apenas se realiza em seu interior, mas é impotente, no plano físico, desvelando uma



impossibilidade de se realizar no plano material algo que pertence ao domínio do sonho. Entretanto, mesmo não se realizando fisicamente, o amor mostra-se importante, pois o sentimento traz novas motivações para que o professor possa viver seu cotidiano com intensidade, encarando mais corajosamente a realidade que não o satisfaz e à qual julga medíocre.

Por um lado, ruminava sensatamente que Gabriela não poderia ter procedido de outro modo, nem eu, no íntimo, o desejara. Talvez, mesmo, só me houvesse declarado porque sabia que dessa declaração não adviria nenhuma consequência, nenhum compromisso. Se Gabriela aceitasse o meu amor, eu próprio haveria de recuar. Jamais a conduziria aos caminhos clandestinos, mais e mais insatisfeitos, em que o amor se torna amargo e recriminatório. O amor gosta de publicar-se; possuindo-nos por dentro, no âmago do ser, não se conforma em se privar dos sinais exteriores de posse. E eu nunca pensara seriamente em abandonar Carlota e os filhos. Mesmo se houvesse divórcio no país, sempre entendi que devia sofrer sozinho as aberrações de minha sensibilidade anômala, não levando a desgraça aos meus. (ANJOS, 2008, p. 145)

Desde o início do enamoramento, Abdias pode viver sua realidade interior, o mundo criado pelo amor, alheio à sociedade, à família e às suas regras de conduta. É o ponto em que o protagonista abandona Sancho e se integra ao Quixote, afastando-se da razão e aproximando-se da loucura. Anteriormente, Abdias havia relatado sua frustração em relação ao seu quixotismo, já que a face mais racional prevalecia no mais das vezes. “E um sonho que nem como sonho se realiza, porque às ilhargas do meu Quixote foi cosido um Sancho”. (ANJOS, 2008, p. 26)

No instante em que Gabriela me tomou pela mão, levando-me para o bar do terraço, cheguei a imaginar que ela gostava de mim. A meus olhos, a inocente fuga assumia o aspecto de um gesto de amor. Acreditei que poderia apossar-me de sua juventude, transpor o abismo que só existia na minha timidez. Naqueles dias, uma idéia vivia a verrumar-me: em todo grande passo, forçamos as fronteiras da razão, tocamos as da loucura. A medida do homem está em Quixote, não em Sancho. O que importa é a nossa realidade interior, não o mundo de espectros que nos rodeia. Que me importava Carlota, o lar, a sociedade e seus códigos? O amor criava um novo mundo. (ANJOS, 2008, p. 141)

No entanto, Abdias nem sempre vê a realidade dos objetos. Engana-se, interpretando erroneamente as ações e os intuitos de outras pessoas. Nutre suspeitas que mais tarde se mostram infundadas, nascidas do medo de ser surpreendido em suas faltas.



Vivemos num mundo imaginário construído segundo os conceitos apriorísticos que formamos das pessoas e coisas que nos cercam. Neste sentido, a vida será efetivamente um sonho. Veremos as coisas não como são, mas conforme nosso espírito as concebe. Muitas vezes nos é dado, no curso dos dias, retificar alguns desses erros do conhecimento. Mas quantos outros, e às vezes substanciais, nos acompanharão até a morte? (ANJOS, 2008, pp. 49-50)

A criação literária como dom atribuído ao homem imaginativo

A preocupação em desvendar o caráter espiritual da poesia e do ser humano que produz poesia e romance está exposta no ensaio *A criação literária* (1956), no qual Cyro cataloga teses de diversos filósofos e estudiosos da literatura. Na opinião de Cyro, o que constitui a grandeza do homem é justamente o que há de quixotesco na investida do homem contra o infinito, na desesperada procura do sentido do mundo e das coisas. “A existência de um ser supremo, a essência das coisas, o sentido da vida, quantos problemas não torturam esse animal metafísico, eternamente debruçado sobre os mistérios que o cercam?”, questiona-se Cyro. (ANJOS, 1956, pp. 23-24)

Para Cyro, bem como para inúmeros teóricos, a capacidade imaginativa representa um dom recebido de Deus, por seres especiais, os poetas e os escritores. Estes são representados pelos protagonistas, Belmiro e Abdias, homens imaginativos, que escrevem suas reflexões em diários. Eles pertencem ao grupo dos artistas, dos homens especiais, que conhecem a atividade criadora, pois sabem exprimir a si próprios, em suas concepções da vida e do mundo. São grandes leitores, sensíveis, cultos.

Cyro cita Henri Bergson, em seu livro *Les deux sources de la morale et de la religion*, demonstra que há, em nós, uma função fabuladora, distinta da imaginação, faculdade que se intensifica de modo extraordinário nos romancistas e nos dramaturgos. “Alguns deles há que são verdadeiramente obsidiados pelo seu herói; deixam-se conduzir por ele, em vez de o conduzirem, e até experimentam dificuldade de o expulsarem do espírito, quando terminam a peça ou o romance.” (ANJOS, 1956, p. 36) Cyro mostra que Bergson, escrevendo acerca da experiência mística, dignifica a experiência estética, assemelhando uma a outra. ¹ Não vemos as coisas em si mesmas, alerta Bergson: limitamo-nos, o mais das vezes, a ler as etiquetas que a inteligência

¹ Bergson comenta que, embora bem remotamente, a experiência estética pode dar idéia do que seja a contemplação mística, pois ambas se encontram no roteiro de uma realidade idêntica. A intuição - modo de conhecimento comum a ambas - é como uma auscultação interior das coisas, um movimento de simpatia pelo qual nos transportamos ao interior de um objeto, para coincidir com aquilo que ele tem de único, e, conseqüentemente, de inexprimível. (ANJOS, 1956, pp. 40-41)



pendura em cada uma, fazendo com que um fosso quase intransponível nos separe da realidade. Há, portanto, um véu entre nós e o verdadeiro aspecto da natureza e de nós mesmos. Tecido pelos nossos hábitos, convenções e conceitos, esse véu, espesso para o comum dos homens, é leve, quase transparente para o artista e para o poeta. A arte seria inútil, caso pudéssemos entrar em comunicação imediata com as coisas e conosco mesmos. A arte procura perceber as coisas em sua pureza, tanto as formas e cores do mundo material, quanto os movimentos da vida interior, colocando-nos face a face com a realidade. O artista, capaz de se desligar dos interesses da ação, consegue erguer o véu que encobre a realidade íntima dos seres, captando os sentimentos nos seus matizes individuais insubstituíveis. Dessa forma, surpreende a vida em si mesma, ao invés das etiquetas coladas nas coisas. ² (ANJOS, 1956, pp. 43-44)

Em *L' évolution créatrice*, Bergson explica que também os artistas veem coisas que os demais não veem, capazes que são de se colocar, por simpatia, no próprio interior dos objetos. Em *La pensée et le mouvant*, o filósofo da intuição também apela para a experiência dos artistas, como meio de nos ultrapassarmos a nós mesmos e de atingirmos a realidade. A arte mostra-nos que é possível ampliarmos a nossa faculdade de perceber. Sendo mais desligado da realidade, o artista consegue ver mais coisas nela, pois o conhecimento ordinário, adaptado à vida e à ação, leva a encurtar e a esvaziar a visão do real. “Realmente, é fácil mostrar que, quanto mais nos preocupamos com viver, tanto menos nos inclinamos a contemplar, e que as necessidades da ação tendem a limitar o campo da visão.” A serviço da ação, a percepção isola, no conjunto da realidade, apenas aquilo que nos interessa. Felizmente, de quando em quando, surgem homens cujos sentidos ou cuja consciência se mostram menos aderentes à vida. Neles, a natureza esqueceu-se de subordinar a faculdade de perceber à de agir. Quando contemplam uma coisa, veem-na por ela mesma e não para si. Não percebem para agir: percebem para perceber, para nada, por simples prazer. “Nascem desligados. São os artistas”. ³ Em *L' évolution créatrice*, Bergson explica que também os artistas veem coisas que os demais não veem, capazes que são de se colocar, por simpatia, no próprio interior dos objetos. Em *La pensée et le mouvant*, o filósofo da

² Segundo Bachelard, o pensamento humano, o sonho humano, como a vista humana, sempre recebem apenas as imagens superficiais das coisas, apenas a forma exterior dos objetos. Por isso todo conhecimento da intimidade das coisas é imediatamente um poema. O poeta busca ao mesmo tempo a intimidade e as imagens, tentando exprimir a intimidade do ser humano exterior. O homem sonhador quer chegar ao âmago das coisas, dentro da própria matéria das coisas. (BACHELARD, 2003, p. 110)

³ O poeta assemelha-se ao indivíduo que sonha, ou ao demente, pois vê, com a evidência sensível das visões de um alucinado, as situações que cria, suas personagens, bem como os atos destes. Trata, como se fossem verdadeiras, figuras que só existem em sua imaginação. Mas a diferença está em que, no demente ou no indivíduo que sonha, há um enfraquecimento da atividade psíquica. Já na criação poética, é aplicada toda a energia de uma alma sã e forte. A transformação de imagens se opera num espírito desperto e lúcido, e a realidade é alterada por uma vontade consciente de seu fim, não preocupada em se conter nos limites do real. (ANJOS, 1956, pp. 57-58)



intuição também apela para a experiência dos artistas, como meio de nos ultrapassarmos a nós mesmos e de atingirmos a realidade.⁴ A arte mostra-nos que é possível ampliarmos a nossa faculdade de perceber. Sendo mais desligado da realidade, o artista consegue ver mais coisas nela, pois o conhecimento ordinário, adaptado à vida e à ação, leva a encurtar e a esvaziar a visão do real. “Realmente, é fácil mostrar que, quanto mais nos preocupamos com viver, tanto menos nos inclinamos a contemplar, e que as necessidades da ação tendem a limitar o campo da visão.” A serviço da ação, a percepção isola, no conjunto da realidade, apenas aquilo que nos interessa. Felizmente, de quando em quando, surgem homens cujos sentidos ou cuja consciência se mostram menos aderentes à vida.⁵ Neles, a natureza esqueceu-se de subordinar a faculdade de perceber à de agir. Quando contemplam uma coisa, veem-na por ela mesma e não para si. Não percebem para agir: percebem para perceber, para nada, por simples prazer. “Nascem desligados. São os artistas”. (ANJOS, 1956, pp. 45-47)

Que procura a arte senão mostrar-nos, em a natureza e no espírito, fora de nós e dentro de nós, coisas que não impressionavam explicitamente nossos sentidos e nossa consciência? O poeta e o romancista, que exprimem um estado de alma, não o criam, totalmente, não o inventam em tudo, jamais os compreenderíamos, se não observássemos, em nós mesmos, até certo ponto, o que eles nos contam de outrem. (ANJOS, 1956, p. 46)

Para Alceu Amoroso Lima, o espírito criador é um dom, uma adequação especial de certos homens a certas funções. O espírito criador, sendo dom típico do artista, manifesta-se na naculdade de passar do possível ao real, dando vida a imagens e idéias. “O homem nasce poeta, músico ou pintor, eis tudo.” (ANJOS, 1956, p. 31)

Ora, o artista coopera com a vida, no seu movimento mais profundo. A força dele reside, justamente, nessa capacidade de aderir profundamente às operações da criação, à sua incessante renovação vital, com seu ímpeto interior, com seu impulso perene. Assim, torna-se o artista consciente, ou melhor, participante do movimento criador da vida. É um instrumento de Deus, na obra da criação. [...] O espírito criador, em sentido estrito, será a

⁴ Para Cyro dos Anjos, o poeta é o revelador de uma imagem fotográfica ainda não mergulhada no banho em que se revelará, pois mostram matizes de emoção e de pensamento que até então permaneciam invisíveis, embora pudessem ter-se manifestado em nós há muito tempo.

⁵ De acordo com Ernest Meumann, cujas ideias são expostas por Cyro, as pessoas pouco imaginativas e rotineiras aproximam-se do estado mental de muitos animais dotados apenas de memória, cujo retorno das imagens é sempre ‘provocado’. Mas, explica Meumann, de modo geral, o homem, desde os dois anos de idade, e alguns animais superiores o ultrapassam, mostrando-se capazes de revivescência espontânea. Essa aparição súbita suscita outros estados que, agrupados em associações novas, contém os primeiros elementos da criação. (ANJOS, 1956, p. 22)



faculdade que diferencia o artista do homem comum. O espírito criador é a própria vida, em ação, através do artista. Como, pois, analisar o espírito criador sem lhe tirar a essência, isto é, a energia vital? (ANJOS, 1956, pp. 29-30)

Para Dilthey, a função da poesia consiste em despertar, entreter e fortificar, em nós, a intensidade da vida. A poesia tem sua origem na necessidade que possui o homem de viver emoções e de exprimi-las. A criação poética nasce quando um acontecimento interior quer traduzir-se em palavras e, por conseguinte, no tempo. O poeta caracterizar-se-á pelo fato de, em seu espírito, as imagens e suas combinações se desdobrarem livremente, além das fronteiras do real. Cria situações, tipos e destinos que ultrapassam a realidade. ⁶ (ANJOS, 1956, pp. 54-56)

É verdade que o sonho, o delírio bem como todos os estados que se afastam do normal estado de vigília, também transformam a face das coisas. Os antigos viam na criação poética uma forma de demência: a êsse respeito, Demócrito, Platão, Aristóteles e Horácio se acham de pleno acôrdo. E os românticos sempre insistiram no parentesco entre o gênio e a loucura. (ANJOS, 1956, p. 57)

Cyro concorda com as ideias de Proust, segundo as quais a arte teria a função de descobrir a verdade, não na sua acepção comum, mas na que os idealistas inculcam, quando pretendem que não há outra realidade senão o espírito. Atingir o verdadeiro equivaleria, nos domínios proustianos, a reconstituir o interior de uma consciência. “Não haverá, na arte, realidade mais profunda, na qual nossa verdadeira personalidade vá encontrar uma expressão que não lhe proporcionam as ações da vida?” (ANJOS, 1956, p. 64)

Na opinião do biólogo Adolphe Portmann, a função estética seria uma das atividades primordiais do homem, e lamenta que a vida estética tenha sido preterida em favor da função teórica. Na sua opinião, o equilíbrio entre as duas modalidades é que corresponderia ao ideal.

O fato de haver o Ocidente optado, desde muito tempo, pela função teórica, tem sido causa de funesto desequilíbrio do espírito. Só a ação concomitante das duas funções permite a expansão integral do homem e da civilização que êle criou.

O Ocidente aceitou uma discriminação, um julgamento de valor, que conferiu mais alta dignidade à atitude teórica, ao comportamento científico. Pôs termo, assim, ao equilíbrio entre a vida ativa e a contemplativa. A atual crise do espírito será conseqüência da atrofia da vida estética, considerada esta na

⁶ C. E. M. Joad e Clive Bell veem o artista como um homem capaz de sentir, diante dos objetos, o tipo de emoção que o “não-artista” só experimentará diante das obras de arte. O artista não será um criador, mas um “parteiro” da beleza que se acha latente nas coisas. A arte será uma janela para a realidade que se estende além das coisas que ordinariamente percebemos. (ANJOS, 1956, pp. 61-63)



plenitude de suas possibilidades. Ao reino da qualidade, preferiu-se o da quantidade. (ANJOS, 1956, p. 75)

Portmann considera a arte como uma alta atividade humana, parte do conhecimento, pois este não abarca apenas aquilo que a realidade imediata, propõe como problema. Para um conhecimento amplo, do mundo e do homem, são necessárias tanto a atividade artística como a científica. Uma vez que o ser humano forma uma unidade indissolúvel, não se deve sacrificar nenhuma das polaridades do ser. “A obra de arte atinge sua plenitude no concurso de nossas faculdades, não na separação delas. Assim como foi um erro haver o Ocidente conferido primazia à função teórica, também seria desastroso o predomínio da função estética. O ideal se encontra na sadia conjunção das aptidões do espírito.”⁷ (ANJOS, 1956, p. 77)

Importa uma descida ao mundo interno do sonho, mas de modo algum isto imporia a abdicação do intelecto. Procure-se o equilíbrio harmonioso de nossas faculdades espirituais, busque-se o homem mais completo. Na vida de hoje, dominada pela função teórica, cumpre que se opere uma revolução espiritual que libere a atividade da função estética e a integre na vida total. A vida do espírito e, com ela, a arte só poderão reencontrar uma nova plenitude quando o homem se vir tão grande no Pensamento quanto no Sonho. (ANJOS, 1956, p. 77)

A nostalgia do Paraíso e o homem integral

⁷ Max-Pol Fouchet, estudioso surrealista, que considera William Blake o profeta do mundo atual, resume as ideias deste poeta:

A razão, sòmente a razão é responsável por êsse mundo frustrado e suspicaz em que vivemos. A razão tem impedido o homem de participar do desconhecido. Abaixo, pois, a razão, e reine a experiência humana. Que se dê à imaginação um poder sem limites; que se proclame o primado do irracional; que se conciliem as antinomias, se aceite o ser nas suas contradições, sem mutilação nem ablação de espécie alguma: em suma, se aumente o homem de tudo aquilo que é homem, se torne o homem total, e se peça ao homem, assim qualificado, reconstruir o mundo. O homem-soma-de-suas-desgraças deverá ceder lugar ao homem-soma-de-seus-sonhos. (ANJOS, 1956, p. 80)



Em sua “nostalgia do Paraíso”, Abdias deseja regressar ao tempo mítico vivido em Várzea dos Buritis, cujas personagens o fascinavam. Esse fascínio é o que o leva a se apaixonar por Gabriela, que encarna o ideal mítico com que sonhava no tempo de menino.

Eis aí um puro desmando da imaginação. Do mesmo modo que, nos tempos de Várzea dos Buritis, os Ataídes de então me fascinavam, beneficiando-se minha fantasia com tudo quanto se atribuía de cavalheiresco aos seus maiores – o demônio imaginário que mora nestes frágeis miolos já se pôs a trabalhar, impedindo que eu veja diante de mim apenas a jovem colegial, de família abastada, que veio polir-se nas mãos das ursulinas. O sutil escamoteador já deslizou com a moça das fronteiras do real, introduzindo-a no mundo fluídico em que o espírito compõe suas quimeras. Já não é Gabriela: é Violante, Urraca, Tareja... (ANJOS, 2008, p. 23)

O homem integral, segundo Eliade, conhece outras situações além da sua condição histórica, como, por exemplo, o estado de sonho, ou de devaneio, ou o da melancolia ou do desprendimento, ou da contemplação estética, ou da evasão, etc. Mesmo não sendo estados “históricos”, os sonhos e devaneios são, para a existência humana, tão autênticos e importantes quanto a situação histórica. Dessa forma, um homem exclusivamente racional é uma abstração, pois todo ser humano é constituído, ao mesmo tempo, por uma atividade consciente e por experiências irracionais. (ELIADE, 2001, p. 170)

Por meio dessas imagens da “nostalgia do paraíso” é possível expressar sempre muito mais do que a pessoa que as sente poderia fazê-lo por meio das palavras. A maioria dos humanos seria incapaz de expressá-las, pois dão muito pouca importância à linguagem analítica. Segundo Eliade, só existe uma solidariedade total do gênero humano, que pode ser sentida e “atuada” no nível das Imagens. (ELIADE, 1996, p. 13) A incapacidade de expressão do homem moderno é devida à pouca atenção dedicada às “nostalgias”, normalmente reconhecidas como formas de fuga psíquica, e portanto fragmentos psíquicos sem importância. Porém, as nostalgias são, às vezes, repletas de significações que envolvem a própria situação do homem, impondo-se, assim, tanto ao filósofo quanto ao teólogo, explica Eliade.⁸

⁸ Segundo Eliade, imagens degradadas compõem a parte mais “nobre” da consciência do homem moderno, que é bem pouco “espiritual”. Reminiscências livrescas, preconceitos diversos (religiosos, morais, sociais, estéticos, etc.), idéias prontas sobre o “sentido da vida”, “a realidade última”, etc., tudo isso encontra-se profundamente secularizado, degradado e maquiado, no fluxo dos devaneios, do jogo livre das imagens durante as “horas vazias” da consciência (na rua, no metrô, etc.), das distrações e dos passatempos de todos os tipos. As Imagens repousam “laicizadas” e “modernizadas”, pois mudaram de forma: para assegurar sua sobrevivência, elas tornaram-se “familiares”. Porém, é importante enfatizar que essas imagens degradadas oferecem um possível ponto de partida para a renovação espiritual do homem moderno. (ELIADE, 1996, p. 15)



Porém, não as levávamos a sério; acreditávamos que eram frívolas [...]. É esquecer que a vida do homem moderno está cheia de mitos semi-esquecidos, de hierofanias decadentes, de símbolos abandonados. A dessacralização incessante do homem moderno alterou o conteúdo da sua vida espiritual; ela não rompeu com as matrizes da sua imaginação: todo um refugio mitológico sobrevive nas zonas mal controladas. (ELIADE, 1996, p. 14)

Toda essa porção essencial e imprescritível do homem – que se chama *imaginação* – está imersa em pleno simbolismo e continua a viver dos mitos e das teologias arcaicas.⁹

A sabedoria popular muitas vezes exprimiu a importância da imaginação para a própria saúde do indivíduo, para o equilíbrio e a riqueza da sua vida interior. Certas línguas modernas continuam a lamentar aquele a quem “falta imaginação”, como um ser limitado, medíocre, triste, infeliz. Os psicólogos, em primeiro lugar C. G. Jung, mostraram até que ponto os dramas do mundo moderno derivam de um desequilíbrio profundo da psique, tanto individual como coletivo, provocado em grande parte pela esterilização crescente da imaginação. “Ter imaginação” é gozar de uma riqueza interior, de um fluxo ininterrupto e espontâneo de imagens. Porém, espontaneidade não quer dizer invenção arbitrária. Etimologicamente, “imaginação” está ligada a *imago*, “representação”, “imitação”, a imitator, “imitar, reproduzir”. [...] Ter imaginação é ver o mundo na sua totalidade; pois as Imagens têm o poder e a missão de mostrar tudo o que permanece refratário ao conceito. Isso explica a desgraça e a ruína do homem a quem “falta imaginação”: ele é cortado da realidade profunda da vida e de sua própria alma. (ELIADE, 1996, p. 16)

Para Maurice Nadeau, da mesma forma que a ciência e a filosofia, a poesia é um meio de conhecimento; tal como a política, é um meio de ação. Nadeau acredita que a arte precise ser destruída, por ser conquistada por meio da lógica, para que na poesia haja “alma falando a alma”. Portanto, a luta dos surrealistas trava-se contra a lógica, em primeiro lugar, para que a imaginação possa exercer a função própria de sua natureza. (NADEAU, 2008, pp. 19-20)¹⁰

⁹ Eliade insurge-se contra o rebaixamento das nostalgias a uma importância secundária na existência humana:

Que não nos digam que todo esse refugio não interessa mais ao homem moderno, que pertence a um “passado supersticioso”, felizmente eliminado pelo século XIX: que só serve para os poetas, para as crianças, ou para as pessoas no metrô se saciarem de imagens e de nostalgias, mas que (por favor!) deixem as pessoas sérias continuarem a pensar, a “fazer a história”: uma tal separação entre o que é “sério na vida” e os “sonhos” não corresponde à realidade. O homem moderno é livre para menosprezar as mitologias e as teologias; isso não o impedirá de continuar a se alimentar dos mitos decadentes e das imagens degradadas. (ELIADE, 1996, p. 15)

¹⁰ Em uma carta dirigida aos Reitores de Universidades Europeias, Robert Desnos procura atacar as raízes do mal, a funesta educação ocidental, capaz de produzir “sepulcros caídos”: falsos engenheiros, falsos cientistas, falsos filósofos, cegos dos verdadeiros mistérios da vida, do corpo e do espírito, porque mumificados nos filetes da lógica. (NADEAU, 2008, p. 70)

Conclusão – A lucidez do poeta imaginativo

Para vários estudiosos da literatura, como Alceu Amoroso Lima, a criação literária é um dom, pois apenas alguns poucos indivíduos o recebem de Deus. Dessa forma, a interpretação da obra artística se dá apenas por aqueles que também são artistas.

Na sociedade atual, em que a imaginação poética está praticamente banida, cedendo seu lugar para as imagens degradadas, não é fácil, para muitos, a compreensão da obra de Cyro dos Anjos, fundada na imaginação quixotesca. Assim, a atividade fabuladora, própria do artista, por um lado, e a crítica, bem como a teoria da literatura, fundadas na razão, por outro, mostram-se pertencer a naturezas totalmente excludentes, inconciliáveis. A teoria literária, privilegiada, em detrimento da própria literatura, representa apenas o exterior desta.

A partir dos textos citados, principalmente por Cyro, no ensaio *A criação literária*, pode-se ouvir um apelo dos artistas, para que a imaginação retome seu lugar no mundo racional e lógico em que vivemos. A crítica intelectualista da poesia jamais conduzirá ao lugar onde se formam as imagens poéticas, como alerta Bachelard. Ao contrário do que possa parecer, o poeta imaginativo não é demente, mas um homem muito mais lúcido que a maioria dos mortais, pois é capaz de enxergar o que os outros não podem. A imaginação reside nas nostalgias, nos devaneios – em menor grau de lucidez nos “não-artistas” - e pode ser materializada na escrita literária.

Na obra de Cyro dos Anjos, os romances *O amanuense Belmiro* e *Abdias* privilegiam o caráter imaginativo do ser, explorando nuances diversas em seus dois protagonistas: o sonhador lírico, e o mentiroso contumaz e cínico, ambos quixotescos. Cyro explica, em sua obra ensaística, a essência de seu romance, já que seus protagonistas são também escritores. *A criação literária* apenas vem fundamentar o que já havia sido exposto nos romances, no que se refere ao caráter quixotesco das personagens e do próprio fazer literário. Mas, sua importância está em que abrange não só o domínio literário, mas toda a existência humana. Daí o valor extraordinário da obra de Cyro dos Anjos, pois há, nela, uma interpretação do Quixote, e cada interpretação difere uma da outra, conforme o intérprete. Na sua, Cyro enfatiza o sonho e a fantasia, como sendo esferas necessárias e indissociáveis do ser humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, C. dos. **Abdias**. São Paulo: Globo, 2008.



_____. **A criação literária.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, [1956].

_____. **O amanuense Belmiro.** 17. ed. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2002.

BACHELARD, G. **A poética do devaneio.** Trad. Antonio de Pádua Danesi. Revisão da trad. Alain Marcel Mouzat; Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **A terra e os devaneios do repouso.** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ELIADE, M. **Imagens e símbolos.** Trad. Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **Mito e realidade.** Trad. Pola Cíveli. São Paulo: Perspectiva, 2006.

_____. **O sagrado e o profano.** Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NADEAU, M. **História do surrealismo.** Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1985.